

**ESCUA, VÍNCULO E TRANSFORMAÇÃO: A POTÊNCIA DA GRUPOTERAPIA COM
BASE NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA NO CONTEXTO ESCOLAR**Talía Talita Roveda¹
Chancarlyne Vivian²

Resumo

O estudo apresenta uma reflexão sobre a aplicação da grupoterapia no contexto escolar, fundamentada na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), de Carl Rogers, a partir de um estágio supervisionado em Psicologia Escolar realizado em uma escola pública do extremo-oeste de Santa Catarina. A grupoterapia mostra-se um recurso potente por promover um espaço de escuta, empatia e fortalecimento de vínculos entre os participantes. O papel do facilitador, inspirado nos princípios rogerianos — empatia, congruência e aceitação incondicional positiva —, se faz essencial para a criação de um ambiente terapêutico autêntico, no qual os participantes podem expressar-se com liberdade, segurança e respeito. Assim, reafirma-se o compromisso com uma Psicologia humanizada e coletiva, que reconhece no grupo um espaço de cuidado, transformação e florescimento.

Introdução

A escola, enquanto espaço de formação de subjetividades e construção de laços sociais, apresenta-se como um cenário fértil para a atuação da Psicologia. É ali que circulam afetos, conflitos, silêncios e gritos não ouvidos — e é também ali que se torna urgente a presença de um olhar atento, ético e

sensível. O estágio supervisionado em Psicologia Escolar, realizado em uma escola pública do extremo-oeste de Santa Catarina, foi uma oportunidade ímpar de experienciar o quanto o cuidado psicológico pode transformar o ambiente escolar quando este é atravessado por escuta, presença e respeito à singularidade.

Diante dos desafios cotidianos enfrentados por crianças e adolescentes — como conflitos interpessoais, dificuldades emocionais e situações de violência simbólica — a proposta de grupoterapia surgiu como uma forma de intervenção coletiva, sustentada na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers. Essa escolha teórico-prática teve como base o reconhecimento da potência dos grupos enquanto espaço de acolhimento, expressão e construção de vínculos mais saudáveis.

A aplicação da ACP em grupo favorece o desenvolvimento de um ambiente terapêutico onde cada participante se sente escutado, respeitado e valorizado em sua singularidade. Ao promover a empatia, a aceitação incondicional e a autenticidade do facilitador, o grupo se torna um espaço fértil para o fortalecimento emocional e para o exercício da convivência respeitosa. Nesse contexto, a grupoterapia vai além de uma técnica — torna-se uma experiência relacional transformadora, capaz de ressignificar vivências dolorosas e estimular o protagonismo dos sujeitos em sua própria trajetória de crescimento.

Desenvolvimento

A atuação da Psicologia em contextos escolares exige sensibilidade, ética e criatividade, especialmente ao propor intervenções que ultrapassem o setting clínico e alcancem o coletivo. A grupoterapia é uma modalidade de intervenção psicológica que promove, em espaços coletivos, a escuta, o vínculo e o compartilhamento de experiências entre os participantes (Yalom & Leszcz, 2006).

No contexto escolar, esses elementos são ainda mais relevantes, pois dialogam diretamente com a rotina das crianças e adolescentes, marcada pela convivência em grupo, desafios relacionais e conflitos emocionais. Por

isso, a escolha da intervenção grupal, durante o estágio, esteve alinhada à necessidade institucional de criar espaços de expressão, escuta ativa e fortalecimento emocional.

A intervenção foi ancorada na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers, cuja base filosófica reconhece o ser humano como um organismo em constante processo de crescimento, guiado por uma tendência atualizante — uma força interna de autorregulação e desenvolvimento natural. Nessa abordagem, o papel do facilitador é o de sustentar um espaço relacional autêntico, pautado em três atitudes fundamentais: empatia, congruência e aceitação incondicional positiva, favorecendo a criação de vínculos afetivos e seguros, onde os participantes puderam se expressar com liberdade e respeito. Conforme destaca Rogers (1961), quando uma pessoa se sente genuinamente aceita e compreendida, ela encontra o solo necessário para florescer.

Segundo Bozarth (1998), o ambiente centrado na pessoa favorece a autonomia e a corresponsabilidade dos participantes, aspectos que foram claramente percebidos ao longo do processo. O grupo se tornou um espaço fértil de apoio emocional e de construção de vínculos mais saudáveis, revelando a potência da ACP como base para práticas de promoção da saúde mental na escola.

Mais do que conduzir ou ensinar, o facilitador se posiciona como alguém que caminha ao lado, oferecendo presença, escuta e afeto, sem impor verdades ou direcionamentos rígidos. Sua função é sustentar um ambiente seguro onde o grupo possa se desenvolver a partir de suas próprias vivências e necessidades, respeitando os tempos subjetivos de cada integrante. Essa postura exige sensibilidade, disponibilidade emocional e confiança no processo, elementos que tornam a facilitação uma prática profundamente ética, relacional e transformadora. De acordo com Freire (2006), a função do facilitador é acompanhar os processos do grupo com uma postura ética e não diretiva, o que foi essencial naquele momento delicado.

Considerações Finais

A análise da experiência indicou que a grupoterapia baseada na ACP contribui não apenas para o bem-estar emocional dos alunos, mas também para a formação ética e sensível da estagiária, que pôde desenvolver competências como empatia, escuta ativa, manejo de grupo e mediação de conflitos. A supervisão contínua e o apoio institucional mostraram-se fundamentais para a sustentação das intervenções e para a construção de um olhar clínico atento às nuances das relações escolares.

Cada grupo tornou-se um espaço não apenas de escuta ao outro, mas também de escuta de si — um exercício contínuo de presença e entrega. Essa experiência despertou um olhar mais sensível sobre a complexidade das relações escolares e sobre o papel do psicólogo como alguém que cuida, mas que também se transforma no cuidado. A prática se revelou, assim, um território fértil para a formação ética e emocional da futura profissional, em que teoria, técnica e humanidade puderam dialogar de forma viva e integrada.

Por fim, a vivência reforçou o compromisso com uma Psicologia humanizada, voltada para o coletivo, que reconhece no grupo um espaço de cuidado e transformação. A inserção da Psicologia no ambiente escolar, quando fundamentada na escuta e no respeito às singularidades, potencializa a criação de ambientes mais afetivos, democráticos e inclusivos. Como afirma Rogers (1961), quando o sujeito se sente genuinamente compreendido, ele floresce. E foi exatamente isso que pôde ser testemunhado ao longo do estágio: a potência do acolhimento incondicional como motor de mudança.

Referências

BOZARTH, J. D. Abordagem centrada na pessoa: fundamentos e práticas. In: RODRIGUES, A.; LIMA, T. J. S. (orgs.). São Paulo: EPU, 1998. p. 45-66.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

ROGERS, C. R. Tornar-se pessoa: um terapeuta descobre seu modo de ser. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

YALOM, I. D.; LESZCZ, M. Teoria e prática da psicoterapia de grupo. Porto Alegre: Artmed, 2006.

E-mails: taliatalitaroveda@gmail.com

chancarlyne.vivian@unoesc.edu.br